

## OBSERVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS EM SAMBAQUIS

*Conde Adam Orssich de Slávetich*

Em 1952, o Instituto de Pesquisas da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná, por intermédio de seu diretor, Prof. José Loureiro Fernandes, convidou-me para estudar a questão dos sambaquis do litoral paranaense e chefiar uma escavação arqueológica num dêles. Com os amplos recursos fornecidos pelo Instituto, e auxiliado pela Dra. Elfrieda Stadler Orssich, bem como pelos senhores Fernando Corrêa de Azevedo, Oldemar Blasi e Arion Dal Igna Rodrigues, escavei uma parte considerável do Sambaqui do Araújo 2, o qual se destacara pela altura, pelo seu grau de conservação e pelo fato de localizar-se muito distante da costa atual. Tivemos também, durante alguns meses, oportunidade de visitar repetidamente um número elevado de outras dessas enormes acumulações de conchas.

Encontramos alguns dos sambaquis ainda intactos, mas a maioria dêles, quer pela erosão, produzida por chuvas torrenciais, quer pela mão do homem, tinham sido parcial ou totalmente destruídos. Alguns se encontravam mesmo em ponto de demolição e desapareceram quase debaixo de nossos olhos, desbastados por cavadeiras mecânicas, servindo o material retirado para o revestimento de uma estrada.

Do ponto de vista científico, é lamentável o rápido desaparecimento desses valiosíssimos monumentos pré-históricos do litoral do Brasil. É conhecido de há muito, e nossas investigações o confirmaram, que são os sambaquis depósitos enormes de restos de cozinha, lançados por uma população pré-histórica à beira-mar, às margens de lagoas e rios costeiros, em lugares apropriados para a instalação do homem. As cinzas das fogueiras e os restos de comida — conchas de moluscos e ossos de peixe — acumularam-se em torno dos abrigos, elevando-se aos poucos em nível, até que, no decorrer dos séculos, formaram êsses montões, que denominamos sambaquis. Vi alguns com mais de 20 metros de altura e com um conteúdo de mais de 200.000 metros cúbicos.

Pesquisas feitas por Krone em 1914 (Krone, R. "Informações etnográficas do Vale do Rio Ribeira de Iguape". *Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo. Exploração do Rio Ribeira de Iguape*. 2a. edição, São Paulo, 1914), revelaram que um metro cúbico de conchas equivale a 37 quilos de carne de moluscos. Um sambaqui destes contém, portanto, conchas que equivalem a sete e meio milhões de quilos de carne de moluscos. Os numerosos ossos de peixe, que ocupam pequeno volume em proporção à carne correspondente, podem ser desprezados no cálculo seguinte, embora possam fornecer elementos para

inferências sobre a provável quantidade máxima de moluscos comidos diariamente. Considerando que os sambaquianos usavam na alimentação, além de moluscos, peixes, nozes — fato atestado por numerosos quebra-nozes — mandioca e outras tubérculos — evidenciados pela presença de mãos de pilão — e que certamente conheciam também outros alimentos vegetais, podemos supôr, com alguma certeza, que um adulto comia diariamente no máximo meio quilo de moluscos. Na superfície, representada por um sambaqui dêste tamanho, poderiam ter morado no máximo 100 adultos e 50 crianças, formando uma tribo pequena. À base das considerações acima, o consumo diário de moluscos deve ter sido de uns 75 quilos. Conseqüentemente, devem ter sido necessários 100.000 dias, ou mais ou menos 270 anos, para o acúmulo do total de conchas que constituem um dêsses sambaquis.

E' claro que a tribo em tão longa estada perdeu muitos de seus utensílios líticos e ósseos, e também jogou fora os que se tornaram inúteis. No decorrer dos anos teve, naturalmente, certo desenvolvimento técnico na produção dos utensílios, o qual se reflete fielmente nos achados. Se conseguimos separar os achados de um sambaqui de acôrdo com as diferentes camadas superpostas, o desenvolvimento técnico dos moradores se torna palpável.

Fenômeno da máxima importância é a existência de grande número de sepúlcros em todo sambaqui. A escavação demonstrou pertencerem as sepulturas a diferentes níveis de habitação, facilmente reconhecíveis, e serem os esqueletos, sem dúvida alguma, dos próprios construtores do sambaqui. Enterrados cuidadosamente, os esqueletos são sempre acompanhados de ofertas mortuárias — enfeites, armas, utensílios, restos de comida e terra vermelha. Como na maioria dos casos o nível em que os indivíduos viveram é determinável com segurança, os objetos e utensílios que acompanham o esqueleto, juntamente com os demais do mesmo nível, são documentos preciosos para o estudo da cultura material, enquanto os esqueletos permitem estudar suas características raciais.

Escavando um sambaqui com cuidado, recolhendo todos os artefatos e observando todos os fenômenos com que depare, o arqueólogo experimentado pode não só avaliar a cultura material representada, como reconstituir grande parte da cultura espiritual que se alicerce sobre aquela. Pode revivescer certos aspectos da vida quotidiana de povos desaparecidos de há muito, relativos à luta, caça e pesca, preparação de víveres, tratamento dos mortos, etc. No conjunto dêsses aspectos espelham-se os costumes, os hábitos e as crenças do povo em aprêço, fornecendo retrato fiel de sua cultura espiritual nas diversas épocas.

E' claro que cada sambaqui representa monumento precioso para o estudo do passado e da evolução da humanidade neste continente, estudo ao qual se vêm dedicando centenas de sábios do Brasil e de países vizinhos. Nas universidades da Venezuela, do Peru e da Argentina existem mesmo cátedras para divulgação e institutos para pesquisa da pré-história.

Causou-nos profunda depressão, conhecendo o dano irreparável resultante, o ver a destruição dessas jazidas arqueológicas em pleno andamento! Assistimos à desbastação de um sambaqui, por meio de cava-deiras mecânicas: apenas duas semanas foram suficientes para destruir aquêlo monumento, para cuja construção, mesmo segundo cálculo cauteloso, foram necessários alguns séculos. Milhares de metros cúbicos de camadas culturais, contendo inúmeros esqueletos e milhares de artefatos líticos e ósseos, foram barbaramente arrasados para servir de material para a construção de uma estrada. Desta forma, foram destruídos irreparavelmente êsses quase que únicos documentos do passado pré-histórico brasileiro, ainda tão pouco estudado, documentos por cuja posse muitas outras nações nos invejam.

Ainda assim, pudemos fazer, nestas viagens, valiosas observações a respeito da estrutura interna de grande número de sambaquis, estudando as camadas expostas pelos trabalhos de desbastamento. Conseguimos também recolher muitos artefatos líticos e ósseos. Isto nos forneceu elementos de confronto com as observações que tínhamos feito durante a escavação que realizámos, permitindo-nos chegar a conclusões que consideramos constituir base sólida para futuras investigações.

Tôda a superfície dos sambaquis estudados era coberta por densa vegetação de arbustos, embora houvesse, também, em tôda parte, árvores altas, mesmo seculares. A vegetação era bastante diversa da da planície vizinha e da dos tabuleiros que serviam de base aos sambaquis. Êste fato, aliás, não é de estranhar, visto que a terra da superfície dos sambaquis é saturada de cal, enquanto a dos arredores carece dêste mineral.

E' notável a pequena espessura da camada de humus que cobre o sambaqui, não tendo, em caso algum, excedido a 5 centímetros. Tal fenômeno poderia levar à suposição de que o sambaqui em aprêço foi abandonado há relativamente pouco tempo. Contudo, no caso do sambaqui por nós escavado, verificamos que foi, sem dúvida alguma, abandonado em tempos pré-colombianos muito recuados. Esta conclusão basecu-se no tipo muito antigo dos artefatos encontrados. A reduzida espessura do humus explica-se pela permeabilidade das camadas de conchas e pela cal liberada abundantemente pela decomposição das conchas. Esta cal facilitou a rápida decomposição da matéria orgânica, de sorte que apenas poeira e areia entraram nas camadas superficiais das conchas, saturando-as e endurecendo-as, até a profundidade de uns 60 centímetros.

Todos os sambaquis visitados revelaram, em seu interior, estratificação bem acentuada. São êles constituídos de camadas mais ou menos horizontais alternadas, compostas umas de conchas e outras de uma mistura de cinzas e restos de comida.

As camadas de conchas, que só nas partes laterais do sambaqui revelavam forte declínio, tinham espessura variável. Em algumas partes eram bastantes espêssas — geralmente nas partes laterais do sam-

baqui — onde mediam às vêzes cêrca de um metro, enquanto em outras, a mesma camada não passava de poucos centímetros. Havia outras que apresentavam, em todo o plano, uma única espessura, muito pequena, observando-se que nesses lugares camadas delgadas se sucediam umas às outras. Numa camada desta natureza predominam sempre conchas de uma espécie de moluscos, geralmente de *Anomalocardia brasiliiana* ou de *Ostrea arborea*, duas espécies que vivem em água salobra. Entretanto, existem sempre, além de número variável de conchas de moluscos marinhos e terrestres, cascas de caranguejos e camarões, vértebras de peixes grandes, muita areia e artefatos líticos e ósseos.

As camadas de cinzas, variando em espessura de uns poucos milímetros até 60 centímetros, contêm, misturadas com as cinzas, alta porcentagem de areia e lodo, algumas conchas e grande quantidade de valvas moidas ou quebradas de mitilídeos, bem como muitas escamas e ossos de peixe. Mais ou menos no centro do plano escavado, as cinzas eram muito escuras e continham pedaços de carvão, revelando o local da fogueira. Em tórno dêste e sob êle, a camada de cinzas se apresenta sempre mais espêssa que a maior distância.

A disposição das camadas individuais e as diferenças de suas espessuras em relação à sua posição quanto aos lugares de fogueira, permitiram-nos avançar a seguinte explicação relativa à sua formação: em certo nível do plano estabeleceu-se a tribo, que acendeu um fogo aberto para preparar a comida e, provàvelmente, afugentar os mosquitos. Não conhecendo ainda a arte de fabricar vasilhas de barro cozido, preparava a comida nas cinzas quentes. Os restos de comida de maior volume — conchas e vértebras de peixes — bem como os utensílios tornados inúteis, eram atirados a certa distância, enquanto, ao redor do fogão, eram espalhados os restos pequenos — valvas estilhaçadas de mitilídeos, escamas e ossos de peixes menores, conchas pequenas — juntamente com as cinzas, aliás abundantes. Pisada, essa mistura constituia um chão sêco e macio para as cabanas. Com o decorrer do tempo, as conchas volumosas devem ter formado verdadeiro dique em tórno do lugar de fogueira ou da cabana que, dessa forma, ficavam encerrados numa espécie de buraco. Ou porque o acesso se tornasse difícil, ou por qualquer outro motivo, tornando-se necessária a construção de nova cabana, aplanava-se primeiro o local. Parte das conchas amontoadas era puxada para cima da camada de cinzas depositada sôbre o antigo lugar de fogueira, formava-se novo nível, contruia-se nova cabana e acendia-se novo fogo. E' muito natural em terreno plano e úmido, infestado de mosquitos, a tendência de acumular os detritos em lugar de espalhá-los. Repetido o processo durante séculos, o sambaqui crescia gradativamente até atingir alturas espantosas.

Em nossa escavação observamos, em tórno duma dessas acumulações espêssas de cinzas, várias concreções, compostas de conchas de *Anomalocardia*, firmemente ligadas, as quais, depois de escavadas, revelaram a forma de moirões, com 10 a 15 centímetros de diâmetro e 40 a 50 centímetros de comprimento, concreções essas que só podem ser

satisfatoriamente explicadas como representando o recheio posterior de buracos de postes tombados. Devem ter sido formadas de maneira tal que, aprofundados os postes, as conchas da camada superior caíram na cavidade formada. Sob a influência do ácido úlmico, resultante da decomposição da madeira, as conchas se conglomeraram. Esses moirões revelam a existência de uma cabana de construção bastante sólida, o que é corroborado pela observação de extensas áreas de cinzas bastante endurecidas que se encontravam nas imediações do local em que achamos as concreções.

Vimos, aliás, na base arenosa de alguns outros sambaquis destruídos e por nós visitados, intrusões verticais em forma de estacas, cheias de terra escura, o que demonstra ter sido habitual, nos sambaquis desse período, a construção de abrigos com postes cravados no solo a 50 ou mais centímetros de profundidade.

E' notável o grande número de utensílios líticos no interior dos sambaquis. Em nossa escavação encontramos 8 pedras trabalhadas por metro cúbico de material revolvido. Muitas das pedras podem ser reconhecidas à primeira vista como utensílios, tendo forma específica e sendo talhadas ou polidas. Mas a maioria das peças parecem ser simplesmente pedaços de pedra dura e depois de se estudarem centenas delas, verifica-se que podem ser distribuídas em uma dúzia de tipos diferentes, destinados a certos fins práticos, tipos estes, aliás, bem conhecidos nas jazidas arqueológicas do Velho Mundo. Considerando que todos os sambaquis visitados se acham situados em terreno arenoso e sem pedras e que as rochas mais próximas se encontram a quilômetros de distância, torna-se claro que cada pedaço de pedra encontrado foi trazido de longe, devendo ter servido para um fim qualquer. Devemos considerar, portanto, que mesmo essas peças rudes constituíam utensílios.

Pela bibliografia existente e pelas coleções de museus, verifica-se que esses artefatos rudes não mereceram, até agora, a devida atenção. Representando eles instrumentos de uso quotidiano e sendo tão numerosos, são da máxima importância para a avaliação do nível cultural da tribo construtora do sambaqui. Sem dúvida alguma, são de maior valor que as peças raras, artisticamente confeccionadas, que, segundo parece, foram as únicas a receber atenção até agora. Os pré-historiadores e arqueólogos de há muito têm reconhecido que é necessário primeiro reconstruir e estudar a vida dos povos desaparecidos para conhecer o fundo sobre o qual se desenvolveram a técnica e o senso artístico, dos quais provieram como frutos mais tardios, as obras de arte que admiramos nos museus. Não devemos nos esquecer também de que os níveis culturais dos povos pré-históricos influenciaram profundamente o desenvolvimento cultural de cada nação. O reconhecimento deste fato motivou as investigações intensivas da cultura pré-histórica, em andamento em tôdas as partes do mundo civilizado.

Nos perfis dos cortes feitos em nossa escavação as camadas superiores do sambaqui revelaram-se bastante prejudicadas pela penetração das raízes das árvores e por buracos feitos por animais. Mas tais incur-

sões raramente atingiram a 1 metro de profundidade. Outras alterações, afetando a uniformidade das camadas e encontradas em diferentes profundidades, foram as sepulturas. Estas, como se podia ver com toda a clareza, principiavam numa camada de cinzas e penetravam na camada inferior de conchas, destacando-se nitidamente pelo seu recheio de conchas, misturadas com cinzas e um pouco de terra vermelha. No fundo da sepultura, os ossos decompostos do esqueleto jaziam sobre fina camada de cinzas. A profundidade total das sepulturas em caso algum excedia a 40 centímetros.

Chamou-nos particularmente a atenção o fato de que as camadas de conchas continham mais e maiores artefatos líticos que as de cinzas.

Nem no sambaqui que escavamos, nem nos demais visitados, nos quais os perfis ficaram expostos pela demolição em andamento, foi notada entre as camadas interiores acumulação ou camada de humus. Parece não ter havido interrupção prolongada de habitação no sambaqui durante a sua formação, embora algumas observações pareçam revelar muitas interrupções de curta duração.

Escavando um sambaqui de maneira sistemática, é perfeitamente possível distinguir as diferentes camadas, uma a uma, bem como dizer com certeza a qual delas pertence cada uma das sepulturas. Comparando depois os achados e as observações feitas nas diferentes camadas, o pré-historiador poderá obter idéia bastante fiel da evolução étnica e da cultura material das diversas tribos que contribuíram para a formação do sambaqui. Uma vez investigada uma série de sambaquis pertencentes a várias épocas e obtidos dados precisos para a datação absoluta, por meio de pesquisas rádio-carbônicas, chegar-se-á a conhecer como se processou o desenvolvimento cultural total do substrato sobre o qual assenta a cultura atual do Brasil.